

SUSTENTABILIDADE: UMA ANÁLISE DA VARIÂNCIA POR PORTE EM EMPRESAS DE COMÉRCIOS E SERVIÇO

Lucas Amaral Reis – Faculdade Sociesc de Blumenau – lucasamaral.reis@outlook.com

Michael Samir Dalfovo – Faculdade Sociesc de Blumenau – msdalfovo@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Há uma grande mudança de paradigma, o da sustentabilidade, sendo necessária a reflexão sobre um mundo com profissionais com uma visão mais holística, participativa, com ética em cada atitude. As organizações precisam redefinir seus pensamentos referentes ao planejamento e ação voltada as relações organizacionais, pois tem causas e efeitos em toda a organização. As empresas devem aderir a modelos mais sustentáveis, mas sem uma postura de imediatista e sim com uma visão voltada a um planejamento de curto, médio e longo prazo (ALMEIDA, 2002). Com isso a utilização de modelos mais sustentáveis dentro da empresa é indispensável para que a empresa obtenha sucesso no ramo que ela está inserida, para isso a empresa deve saber quais são seus principais desafios na aplicação de um modelo mais sustentável empresarialmente.

A palavra sustentabilidade tem sua origem do latim “sustentare” que significa sustentar, suportar, conservar em bom estado, manter e resistir. Portanto, sustentável pode ser definido como aquilo que é capaz de suportar (PAZ, 2016). A sustentabilidade pode ser interpretada como uma abordagem de negócio, em que considera de forma equilibrada e holística aspectos como economia, sociais e ambientais, assim gerando a longo prazo benefícios as gerações futuras e suas partes interessadas (BUSCH; DELGADO – CEBALLOS, 2012).

Dentro do elo da sustentabilidade, que são social, econômico e ambiental, Lehtonen (2004) relata que o social é o mais fraco, mostrando a necessidade de fortalecer os outros elos para manter o modelo de sustentabilidade mais saudável para a empresa. Para ocorrer uma sustentabilidade total é necessário que todos os elos estejam bem, de modo que todos os elas trabalhem junto, assim o resultado desse trabalho é uma sustentabilidade total para a empresa.

O debate teórico sobre as vantagens competitivas do uso da sustentabilidade nas empresas mostra que se tem um espaço gigantesco de crescimento nessa área. Autores como North (1992) e Ladeira et al (20016) relatam que as empresas que adotam um modelo mais sustentável no seu ambiente organizacional, adquirem vantagens competitivas sobre outras empresas. Exemplifica-se algumas vantagens tais como: melhoria da imagem institucional, aumento da construção marginal de “produtos verdes” que podem ser vendidos a preços mais baixos e economia de custo dentre outras vantagens.

O artigo cita alguns estudos correlatos realizados na área de sustentabilidade com o intuito de mostrar de forma pratica mais sobre a sustentabilidade dentro das instituições. Ladeira et al, (2016) realizou um estudo com cerca de 469 empresas da cidade de São Paulo, onde conseguiram

perceber que empresas que adotam modelos mais sustentáveis adquirem vantagens competitivas. Dentro de outro paradigma da sustentabilidade, Santos; Marquesan, (2018) analisam discursos tidos como sustentáveis emitidos por 3 grandes empresas. Ainda dentro dessa área temos Diniz; Callado, (2018) que criam modelos de mensuração de sustentabilidade com base na integração dos aspectos das dimensões ambiental, social e econômica. Temos ainda Paz; Kipper, (2019) e Ladeira et al, (2016) e Alshehhi; Nobanne; Kharre, 2018 que relatam sobre os aspectos positivos que a sustentabilidade traz para as empresas que decidem adotar esse modelo, além das principais etapas para colocar esse modelo sustentável em prática.

O objetivo desse estudo concentra-se em analisar a existência de variância por parte dos fatores que compõem a sustentabilidade em organizações de comércio e serviço.

O artigo vigente está dividido em capítulos. Para iniciar o artigo temos o capítulo de introdução que contextualiza o tema sustentabilidade e seus indicadores. Seguindo temos o capítulo de revisão da literatura, onde serão abordados fatores que compõem a sustentabilidade. Dentro do capítulo de procedimentos metodológicos será demonstrado processos empíricos que norteiam esse estudo. O capítulo de análise dos dados apresenta os resultados alcançados, relatando benefícios do uso da sustentabilidade dentro das empresas. Por fim o capítulo de considerações finais reflete sobre os impactos e vantagens identificadas, bem como limitações e desvantagens do estudo com indicações para auxiliar futuras pesquisas sobre o tema abordado.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Global Reporting Initiative (GRI) (2014) e Campos et al. (2013) elucidam que desde que o termo sustentabilidade apareceu no mundo dos negócios houve um crescente número de empresas que viram a importância do termo, assim gerando um crescimento em seus negócios. Sustentabilidade tem como principal respaldo o diálogo, comunicação é essencial, fator chave para que a organização consiga implantar uma nova política necessária para o bem-estar da empresa. Segundo Almeida (2002) as empresas devem estar atualizadas com as opiniões e expectativas dos stakeholders, instituições, indivíduos, empregados e suas famílias, consumidores, fornecedores, comunidade e outras empresas que a norteiam. Portanto conclui-se que sustentabilidade é a colaboração e evolução perante a si mesmo.

A busca pela sustentabilidade no negócio, conforme Nidumolu, Prahalad e Rangaswami (2009), Wals e Schwarzin (2012) e Silveira (2013), parte da necessidade indiscutivelmente de inovações organizacionais. As empresas necessitam reformular produtos, ampliar suas tecnologias, processos e a busca por um modelo de negócio que transformem o cenário competitivo, em estudos realizados pelos autores foi detectado que a necessidade de sustentabilidade parte de inovações, conforme cada necessidade da empresa. Almeida (2002) exalta que não importa o porte da empresa, mas ela deve descobrir novas formas de produzir bens e serviços que gerem mais qualidade de vida com menor quantidade de recursos naturais.

A sustentabilidade organizacional é descrita como ações que as organizações devem realizar visando a promoção de programas sociais e a diminuição de impactos ambientais se mantendo igualmente forte economicamente no mercado. Pode-se dizer que organizações ecologicamente sustentáveis estão agindo de forma socialmente responsável atendendo as necessidades e

expectativas de seus stakeholder que de alguma maneira afetam ou não são afetam por suas atividades, assim empresas ecologicamente sustentáveis são calcadas na ideia de qualidade de vida (ARAÚJO ET AL, 2006).

A sustentabilidade tem sua principal ideia ligada ao uso adequado dos recursos ambientais e socioeconômicos, ela resguarda recursos para que gerações futuras possam desfrutar também de recursos antes que acabem. Esse conceito foi cravado na história através da Comissão Brundtland em meados de 1987, desde então tem sido adotado a definição de desenvolvimento sustentável (CELIA, 2019). O desenvolvimento sustentável pode ser definido como um processo em que a empresa passa para atingir um desempenho sustentável. Dentro da esfera do desenvolvimento sustentável pode ser dividida em 3 pilares, dimensões sociais, econômicas e ambientais, porém Sachs (1997) relata que podem se agregar a esses 3 pilares mais 2 dimensões que são, cultural e geográfico.

A dimensão social da sustentabilidade refere-se à condição de cada indivíduo ou de um conjunto de pessoas, com relação à sua alimentação, saúde, educação e cidadania serem atendidos. Dessa maneira se faz necessário estabelecer um processo de desenvolvimento que equilibre a balança de crescimento, que haja uma distribuição de renda e ativos de modo igualitário a todos os indivíduos, dessa forma garantindo direito das grandes massas e diminuindo diferenças entre os níveis de vida de cada indivíduo (SACHS, 1997). Com o direito à educação os indivíduos têm acesso a informações sobre seus direitos e também qualificação profissional que gera uma oportunidade de melhoria no emprego, possibilitando uma mudança social constante. Padilha (2009) relata também que através da educação os indivíduos podem tomar consciência de suas obrigações e deveres com relação ao meio ambiente.

Dentro da dimensão ambiental da sustentabilidade também denominada capital natural (HAWKEN; LOVINS; LOVINS, 1999; GROOT et al., 2006), essa dimensão tem ligação direta com recursos que são muito importantes e vitais fornecidos pela natureza, contudo são recursos que podem sofrer com mudanças no macro ambiente das instituições

- a. o conjunto de recursos naturais, que desempenha importantes funções ambientais, 91 e para os quais não há substitutos em termos de capital humano, manufaturado ou outro capital natural existente atualmente (ELKINS et al., 2003).
- b. parte vital do meio ambiente que contribui para o suporte da vida, biodiversidade e outras funções necessárias denotadas como pedras-chave para a manutenção dos processos e espécies (TURNER, 1993).
- c. capital natural crítico que consiste em ativos, cuja qualidade e nível de estoques são: (a) altamente valiosos; (b) essenciais à saúde humana; (c) fundamentais ao funcionamento eficiente dos sistemas de suporte da vida; (d) insubstituíveis e (às vezes) irrecuperáveis, para praticamente todos os propósitos, em função de sua antiguidade, complexidade, especialização ou localização (ENGLISH NATURE, 1994).

A dimensão econômica da sustentabilidade relata que os lucros de empresas e as riquezas dos países sejam alcançados através da gestão responsável dos recursos, assim respeitando as demais dimensões da sustentabilidade. Segundo Sachs (1997), a sustentabilidade econômica tem seu funcionamento baseado através de um fluxo de caixa constante de investimentos públicos e privados. Além desse fluxo de caixa de investimentos fazer a alocação e manejo eficiente de recursos naturais se faz muito importante para o bem estar dessa dimensão. A gestão da produção

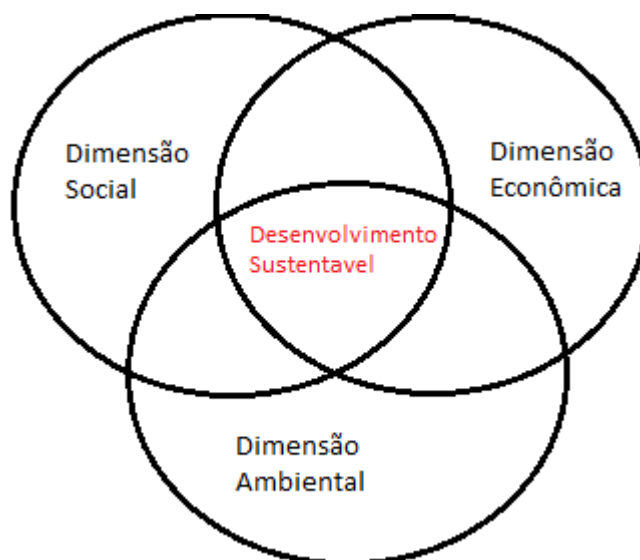
que trabalha respeitando os ciclos ecológicos dos ecossistemas, é de suma importância a responsabilidade de uso de recursos não renováveis, isso pode se a traves da redução do consumo de energia, utilização de matérias que não produzem tantos resíduos além de uma produtividade melhorada através de recursos mais definidos (PORTER; LINDER, 1995).

Com a mesma linha de raciocínio Barbosa et al. (2011) relata que as empresas precisam buscar recursos e se desenvolver economicamente respeitando as políticas de sustentabilidade possibilitando um crescimento nessa dimensão. Essa preocupação em buscar um se desenvolver econômicas com base em políticas sustentáveis não serve somente para as instituições, mas também do governo e da sociedade como um todo.

Com relação à dimensão geográfica (espacial) da sustentabilidade, poder ser definida como a promoção de iniciativas que tem a finalidade de atrair indivíduos para as áreas mais rurais, tirando os mesmo das grandes cidades, diminuir a destruição dos ecossistemas naturais e frágeis, desenvolver a exploração agrícola das florestas, essa exploração pode ser dada através de um fomento e financiamento de recursos e implantação de técnicas modernas e regenerativas, dessas forma possibilitando uma descentralização das indústrias e a preservação da biodiversidade do local. Problemas com o meio ambiente são decorrentes das distribuições desordenadas de terras por indivíduos. Dentro desse paradigma a sustentabilidade “espacial” tem sua busca constante por um equilíbrio rural-urbano, tem seu principal propósito na proteção da diversidade biológica, juntamente com a melhoria da qualidade de vidas dos indivíduos que habitam os respectivos lugares (SACHS, 1993).

Sachs (1993) comenta que dentro da dimensão cultural da sustentabilidade, constituída através da busca pelo desenvolvimento e inovação dentro do fundamentos endógenos, busca soluções juntamente com a cultura vigente em cada localidade em contextos específicos; dessa forma possibilidade que o impacto das mudanças não venham contra aspectos da cultural que existem nas localidades, se manifestando juntamente com o eco desenvolvimento na busca por respostas específicas com relação ao ecossistemas, cultura e regiões.

Figura 1 - Desenho esquemático relacionando parâmetros para se alcançar o desenvolvimento sustentável.



Fonte: Adaptado de Barbieri e Cajazeira (2009, p. 70).

Na Figura 1 foi utilizado o esquema relacionando as 3 principais dimensões da sustentabilidade conforme Lehtonen (2004), o mesmo ainda relata que o âmbito social é o elo mais fraco, provando a necessidade de uma interação superior entre os âmbitos sociais e ambientais principalmente quando se trata de suas bases teóricas e analíticas. Para que ocorra a sustentabilidade em seu total é necessário que todos os elos estejam bem, como por exemplo, para o âmbito financeiro fique bem necessita que os âmbitos sociais e ambientais estejam bem também.

As medições são indispensáveis para que o desenvolvimento sustentável seja eficaz e se torne mensurável, eles além de ajudar gestores nas decisões colocam os gestores em posições privilegiadas no fato de definir objetivos e metas do desenvolvimento, auxiliando também em escolhas políticas em alguns casos, resultado da realidade dinâmica da instituição (BELLEN, 2006).

O conceito de desempenho sustentável pode ser descrito como multidimensional, onde busca medir o sucesso das empresas em alcançar alguns dos objetivos propostos pelos gestores através dos pilares da sustentabilidade, para fazê-la a diferenciação dos stakeholder ao longo de um determinado período (RICHARD et al., 2009). Existem várias dimensões do desempenho onde buscam envolver uma pluralidade de interesses para o sucesso da empresa. Uma das abordagens mais importantes expressa que o desempenho sustentável é constituído por 3 dimensões, que podem ser consideradas esferas, que se sobrepõem e se completam formando um ciclo (VENKATRAMAN; RAMANUJAM, 1986).

No Quadro 1 pode se observar algumas vantagens em inserir práticas sustentáveis no ambiente empresarial (NORTH, 1992).

Quadro 1 - Benefícios da Sustentabilidade Empresarial

Benefícios Econômicos

• Economia de custos; • Economias devido à redução de água, energia e outros insumos; • Economias devido à reciclagem, venda e aproveitamento de resíduos; • Redução de multas e penalidades por poluição.
Benefícios de Receita
• Aumento da construção marginal de “produtos verdes” que podem ser vendidos a preços mais baixos; • Aumento na participação no mercado devido à inovação dos produtos e menos concorrência; • Linhas de produtos para novos mercados; • Aumento da demanda para produtos que contribuam para a diminuição da população.
Benefícios Estratégicos
• Melhoria da imagem institucional; • Renovação de portfólio de produtos; • Aumento da produtividade; • Redução de multas e penalidades por poluição; • Alto comprometimento do pessoal; • Melhorias nas relações de trabalho; • Melhoria e criatividade para novos desafios; • Melhoria nas relações com os órgãos governamentais, comunidade e grupos ambientais; • Acesso assegurado ao mercado externo; • Melhor adequação aos padrões ambientais.

Fonte: North, K. (1992).

O estudo de North, K. (1992) mostra as vantagens que as empresas adquirem ao adotar um modelo sustentável no seu ambiente organizacional. Que podem ser divididos em benefícios econômicos, benefícios na receita e benefícios estratégicos.

Com o passar dos anos, expectativas sociais de desempenho das empresas mudaram de forma considerável. No centro dessas mudanças está o pedido por mais sustentabilidade dentro das instituições (GOODLAND, 1995; WADDOCK; GRAVES, 1997).

Para a integração do desempenho sustentável devesse concentrar na integração do processo de governança corporativa, partindo do ponto de vista de mensuração do desempenho empresarial sustentável. Esse processo exige cooperação global principalmente em estratégias, adoção de melhores decisões e uma coordenação efetiva. A governança pode ser descrita como uma ferramenta estratégica para atingir o desempenho econômico, assim pode ser usada para criação de modelos mais sustentáveis dentro das instituições. Dessa maneira, a importância dessa ferramenta junto aos relatórios de sustentabilidade empresarial (KOCMANOVÁ et al. 2011).

Segundo Petry e Fernandes (2014) a importância da comprovação do desempenho sustentável de empresas pode ser traduzida na compreensão de novos significados, valores novas práticas e o tipo de relação que está sendo criada pelas organizações. Tem-se a necessidade de evidenciar a gestão de risco ambiental em conformidade regulatória. Através de comunicação anual deve ser relatado quais os riscos identificados que as instituições vão sofrer, para não perder e sair dos modelos sustentáveis.

Pequenas e medias empresas são menos propensas a emitir relatórios de sustentabilidade. Porém, relatório de desempenho sustentável pode ajudar com a fidelização de clientes mostrando credibilidade, tanto para cliente como investidores até mesmo instituições financeiras, que por sua vez estão cada vez mais olhando os perfis de cada empresa de modo sustentável. Dessa forma elaboração de relatórios de sustentabilidade tem como principal objetivo de comunicar informações aos interessados. Isso pode ser feito de maneira simples como por exemplo envio de informações em sites, atualização com fornecedores, cliente e funcionários, parintdo para relatórios de sustentabilidade anuais mais completos e robusto (O'ROURKE, 2004; GRI, 2013).

A elaboração de relatórios de sustentabilidade consiste em um pratica de medir, divulgar e prestatas contas a partes interessadas, com relação ao desempenho sustentável das organizações, com o intuito de atingir objetivos do desenvolvimento sustentável. O relatório de sustentabilidade deve informar de forma equilibrada e razoável o desempenho sustentável da instituição, incluindo contribuições positivas e também as negativas (PETRY; FERNANDES, 2014).

O autor Searcy (2009) relata que a sustentabilidade empresarial é fundamentalmente um problema complexo, pode ser caracterizada por metas pluralistas, ambiguidade, incertezas contexto de emergência e dominância. A teoria implica que a adoção de estratégias de negócios que possam atender as necessidades da empresa e de seus stakeholder é cada vez mais complicado no âmbito corporativo. Debates sobre o tema sustentabilidade no contexto corporativo passam a recair e depender de sistemas de mensuração de desempenho sustentável e na dificuldade das empresas em aplicar o modelos, metas e objetivos sustentáveis.

Da mesma forma que a governança corporativa, o desempenho sustentável empenha-se com especificações e comprimentos de regras e procedimentos. Para atender as regras utilizasse um instrumento adotado por todos Global Reporting Initiative GRI, instrumento aprovado universalmente. O relatório se dá através da perspectiva sustentável que pode ser divido em corporativo ou organizacional. Esse relatório de sustentabilidade que possui principal função de transmitir informações relacionadas à sustentabilidade de forma comparável com relatórios financeiros, devesse originar esse relatório anualmente (CORNELL; SHAPIRO, 1987)

Em um estudo com mais de 250 empresas abertas brasileiras, obtiveram em seus resultados parâmetros, com o qual foi possível estabelecer que organização que optaem ter condutas sustentáveis tem uma melhora em seu desempenho financeiro e diminui o risco de insucessos, portanto foi concluído que sustentabilidade caminha de mãos dadas com a melhor gestão, assim a sustentabilidade gera valores para as organizações (LADEIRA ET AL, 2016).

Dentro desse grande paradigma de mudança da sustentabilidade dentro das empresas Wals e Schwarzin (2012) afirmam que a sustentabilidade tem início das pessoas envolvidas nas organizações e é necessária a aprendizagem envolvida dentre os conceitos da sustentabilidade, sendo assim é importante a educação dos colaboradores para validar os conceitos de sustentabilidade. Em um grande estudo feito por Oliveira et al (2012), foi analisado que existe cinco princípios necessários para que possa ocorrer a sustentabilidade de forma facilitada/tranquila são eles:

- a. Incentivar iniciativa voluntária dos profissionais da organização;

- b. Inclusão de profissionais motivados para a sustentabilidade e sua participação no planejamento estratégico;
- c. Desenvolvimento e implantação de indicadores estratégicos, táticos e operacionais (nos âmbitos social, econômico e ambiental);
- d. Estabelecer processo interno de participação dos diversos níveis hierárquicos na formulação dos objetivos e metas estratégicos vinculados à sustentabilidade organizacional;
- e. Estabelecer vínculo entre o plano de desenvolvimento de carreira ao engajamento dos profissionais à sustentabilidade organizacional.

Quadro 02: Estudos Correlatos e Formação das Variáveis que Compõem o Tema

Sustentabilidade: uma análise da variância por porte em empresas de comércio e serviço

Autores	Objetivo	Segmento	Itens
LADEIRA et al, 2016	Avaliar os efeitos da abordagem analítica e da gestão orientada para processos sobre o desempenho organizacional de pequenas e médias empresas brasileiras.	469 empresas	Desempenho; BPO; Indicadores Analíticos; Modelo de Mensuração;
PAZ; KIPPER, 2019	Vantagens da utilização dos princípios da sustentabilidade nas organizações, bem como, detectar as principais dificuldades ao implantar um modelo sustentável.	Bibliometria	Sustentabilidade; Modelo Sustentável; Sustentabilidade Empresarial;
LEONETI; NIRAZAWA; OLIVEIRA, 2016	Propor a mensuração quantitativa, ou seja, um índice numérico e gráfico para visualizar a sustentabilidade da MPE de forma objetiva.	Bibliometria	Sustentabilidade; Índices de Sustentabilidade; MPE;
SANTOS; MARQUESAN, 2018	O objetivo deste trabalho é analisar os discursos tidos como sustentáveis emitidos por três grandes construtoras responsáveis pela	3 grandes empresas construtoras.	Sustentabilidade Corporativa; Marketing Sustentável; Gerencialismo;

	execução, divulgação e comercialização de imóveis certificados.		
DINIZ; CALLADO, 2018	Principal objetivo aplicar em empresas um modelo de mensuração de sustentabilidade empresarial por meio de uma integração de aspectos das dimensões ambiental, econômica e social.	2 empresas do setor gráfico.	Sustentabilidade Dimensões da Sustentabilidade; Empresarial; Modelo de Mensuração;
MOHAMADA; CHINB, 2019	Analisar a orientação empreendedora (EO) das Pequenas Empresas Rurais.	Pequenas empresas rurais.	Rede de negócios; Orientação Empreendedora; Sustentabilidade Empresarial; Pequenas Empresas Rurais (SRB); Modelagem de Equação Estruturais (SEM);
DYLLICK; MUFF, 2016	Distinguir entre as empresas que contribuem efetivamente para a sustentabilidade e aqueles que não o fazem.	Bibliometria	Sustentabilidade Empresarial; Sustentabilidade Corporativa; Sustentabilidade Empresarial 1.0; Sustentabilidade Empresarial 2.0; Sustentabilidade Empresarial 3.0;
ALSHEHHI; NOBANNE; KHARE, 2018	O impacto do sustentabilidade no desempenho financeiro das empresas.	Bibliometria	Sustentabilidade corporativa; Desempenho financeiro; Práticas de sustentabilidade; Impacto na sustentabilidade;
PINTÉRD et al, 2018	O novo BellagioSTAMP	Bibliometria	BellagioSTAMP; Sustentabilidade;

			Avaliação; Indicadores
BALDASSARRE; BOONS; BOCKEN, 2018	O quadro baseia-se no reconhecimento de três questões fundamentais que ainda não foram suficientemente incorporados na literatura sobre modelos de negócio sustentáveis	Bibliometria	Modelos de negócios sustentáveis; Experimentação; Colaboração; economia compartilhada;

Fonte: Construído a partir da revisão da literatura (2019).

Ao analisar o Quadro 02 que corresponde aos estudos empíricos acerca da temática Sustentabilidade: uma análise da variância por porte em empresas de comércio e serviço, percebe-se que as principais dimensões abordadas se referem a sustentabilidade e como ela influencia o ambiente organizacional e os resultados de maneira geral de uma empresa, Paz; Kipper, (2019) relatam que empresas que utilizam modelos mais sustentáveis obtêm algumas vantagens competitivas. Além de apontar os principais pontos que dificultam uma empresa de implantar um modelo sustentável.

Durante os estudos surgem várias perguntas referente a como mensurar a sustentabilidade de uma empresa, Leoneti; Nirazawa; Oliveira, (2016) explicam que é possível mensurar a sustentabilidade de uma empresa através de um índice numérico e gráfico. Para isso aplicaram 6 questionários em empresas MPEs. Para isso foi definido dimensões, que foram divididas em variáveis da dimensão ambiental, variáveis de dimensão social e variáveis de dimensão financeira. Com isso conseguiram mensurar a sustentabilidade das empresas estudadas. Partindo do mesmo pensamento Diniz; Callado (2018) fizeram um estudo em 2 empresas do setor gráfico, com o intuito de mensurar a sustentabilidade das empresas. Para isso também dividiram a sustentabilidade em 3 dimensões ambiental, social e econômica. Obtendo um resultado positivo em duas das 3 dimensões econômica e social.

Mas o que é sustentabilidade? Santos; Marquesan, 2018 analisaram discursos de 3 grande empresa de construção civil que são responsáveis pela execução, divulgação e comercialização de imóveis certificados. Conseguiram perceber que existem uma disparidade, hegemonia da dimensão econômica sobre a dimensão social, causando reflexos em construtos sustentáveis e ações mitigadoras dos impactos, assim exigindo uma análise sobre os reflexos entendido da sociedade.

Vários artigos mostrando que empresas que utilizam modelos sustentáveis tem impacto positivo no setor financeiro Alshehhi; Nobanne; Khare, 2018. Temos ainda os autores Dyllick; Muff, 2016 ressaltam que a sustentabilidade tem um papel fundamental não só para empresa, mas todo os seus stakeholders são beneficiados com o ato de ser sustentável, compartilhando das mesmas ideias temos Baldassarre; Boons; Bocken, 2018 que relata que o tema de sustentabilidade ainda é pouco usando na empresa por falta de conhecimento e domínio de alguns gestores.

Um estudo realizado na cidade de São Paulo - SP com cerca de 32 micro e pequenas empresas foi constatado que há dificuldade em implementar conceitos de sustentabilidade e que o principal culpado é o elo social e o principal motivo é o desconhecimento dos colaboradores os conceitos de sustentabilidade, além de uma falta de interesse e percepção de trabalho desnecessário, pois não tem um impacto direto nos resultados financeiros das organizações, demonstrando que existe uma necessidade em educar todos os stakeholders quanto a implementação dessa metodologia tão importante para a organização (LADEIRA ET AL, 2016).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta etapa apresentam-se os procedimentos metodológicos utilizados para obter as informações necessárias para conclusão desse estudo. São demonstrados a maneira que a amostra estudada foi selecionada e como os dados foram coletados.

Quanto ao objetivo desta pesquisa a mesma classifica-se como descritiva, segundo Gil (1999) a pesquisa descritiva tem como principal objetivo especificar algumas características entre algumas variáveis. Seu uso utiliza atributos mais consideráveis como técnicas de coleta de dados. De outra forma, Lopes (2006) relata que a pesquisa descritiva parte de uma análise de características de uma determinada população, fazendo uma descrição das características que variam entre si, partindo de um objetivo específico, criando um ponto de vista diferenciado sobre um problema

Esta pesquisa possui abordagem qualitativa. A pesquisa quantitativa não pode ser caracterizada apenas pelas preferências por um determinado método de pesquisa, a definição compreende uma visão diferenciada de um determinado problema (FLICK, 2009), segundo Becker (1996) a pesquisa qualitativa abrange uma percepção específica de um tema com o um método de pesquisa.

O método de coleta adotado no estudo caracteriza-se como survey questionário de levantamento. A pesquisa survey pode ser descrita como a uma pesquisa que busca a obtenção de dados ou informações sobre características, ações ou opiniões de uma população específica, se faz necessário o uso de uma ferramenta de pesquisa, geralmente através de questionários (PINSONNEAULT; KRAEMER, 1993)

A população do estudo são empresas do Ramo comércio e serviço de uma determinada região do sul do Brasil. A amostra utilizada para esta pesquisa é do tipo não probabilística por conveniência. É obtida através de um tipo de critério, onde nem todos os elementos da população tem a chance de ser selecionados, tornando os resultados pouco generalizáveis. Esse tipo de pesquisa é conveniente para pessoas difíceis de identificar ou grupos exclusivos quando existe uma restrição orçamentária (FINK, 1995)

Para definição da quantidade de respostas foi utilizado o cálculo de erro amostral apresentado por Barbetta (2002) considerando a população como infinita e erro amostral de 5% obteve um total mínimo de 400 respondentes conforme apresenta o cálculo:

$$No = 1/e^2 - No = 1/(5\%)^2 - No = 1/(5/100)^2 - No = 1/(0,005)^2 - No = 1/(0,0025) - No = 400$$

A análise dos dados ocorreu via software SPSS por meio da estatística descritiva. Segundo Pinsonneault, Kraemer (1993) a estatística descritiva busca identificar quais são os eventos, atitudes

ou opiniões estão manifestando em uma determinada população, pode descrever fenômenos na população ou entre subgrupos da população.

Para validar os fatores nas dimensões propostas foram utilizados os testes estatísticos por meio do software SPSS. Hair Jr. et al (2009) descreve que a análise fatorial exploratória é empregada na identificação de agrupamentos entre as respostas obtidas das questões sobrepostas. Para que esta análise possa acontecer é necessário que o modelo seja avaliado primeiro isoladamente e após em conjunto. É imprescindível a análise fatorial exploratória e confirmatória para a validação do modelo de análise (HAIR, JR; et al, 2009). Neste estudo optou-se diretamente para análise confirmatória em virtude de os fatores utilizados no questionário já ter sido validados no estudo de ALMEIDA, F, ARAÚJO, G. C.; BUENO, M. P.; SOUSA, A. A.; MENDONÇA, P. S. M. BARBETTA, P. A, CAMPOS, L. M. S.; SEHNEM, S.; OLIVEIRA, M. A. S.; ROSSETTO, A. M.; COELHO, A. L. A. Desta forma, entende-se que todas as questões e seus respectivos grupos são existentes e se procedeu a análise confirmatória. Nesse tipo de análise foram consideradas as estimativas dos valores para os testes estatísticos, índices de ajustes do modelo proposto no estudo como GFI, AGFI, Qui-Quadrado sobre Graus de Liberdade, PNFI, TFI, CFI, RMSEA estão de acordo como recomendado pelo autor (HAIR, JR. et al, 2009).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. **O bom negócio da sustentabilidade**. São Paulo: Nova Fronteira, 2002.

ARAÚJO, G. C.; BUENO, M. P.; SOUSA, A. A.; MENDONÇA, P. S. M. **Sustentabilidade empresarial: Conceitos e Indicadores**. In: CONGRESSO ONLINE, 3, 2006, Anais... III CONVIBRA, 2006, p. 1-20.

BARBETTA, P. A. **Estatística aplicada as Ciências Sociais**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2002.

BECKER J, et al. (1996) **Functional interaction of cytosolic hsp70 and a DnaJ-related protein, Ydj1p, in protein translocation in vivo**. *Mol Cell Biol*16(8):4378-86

BRITO, R. P.; BRITO, L. A. L. Vantagem Competitiva, Criação de valor e seus efeitos sobre o Desempenho. **Revista de Administração de Empresas**, v. 52, n. 1, p.70-84, 2012.

CÉLIA GUIMARÃES VIEIRA, Ima. INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE. **Abordagens e desafios no uso de indicadores de sustentabilidade no contexto amazônico**, São Paulo, p. 1-10, 22 jun. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602019000100013>. Acesso em: 22 jun. 2019.

CAMPOS, L. M. S.; SEHNEM, S.; OLIVEIRA, M. A. S.; ROSSETTO, A. M.; COELHO, A. L. A. L.; DALFOVO, M. S. **Relatório de sustentabilidade**: perfil das organizações brasileiras e estrangeiras Segundo o padrão da Global Reporting Initiative. Revista Gestão e Produção, São Carlos, v. 20, n. 4, p. 913-926, 2013.

CAREON, L. H.; SILVA, S. F. **Sustentabilidade ambiental nas organizações**: Sustentabilidade empresarial para a micro e pequena empresa. In: SEMINÁRIO DE ADMINISTRAÇÃO, 13., 2010, São Paulo. Anais... São Paulo: SEMEAD, 2001, p. 1-16.

COMBS, J. G. et al. How much do high-performance work practices matter? A meta-analysis of their effects on organizational performance. **Personnel Psychology**, v. 59, n. 3, p. 501-528, 2006.

ELKINS, P.; SIMON, L.; DEUTSCH, L.; FOLKE, C.; GROOT, R.S. **A framework for the practical application of the concepts of critical natural capital and strong sustainability**, Ecological Economics, v.44, n. 2, 165-85, 2003.

ENGLISH NATURE. **Sustainability in practice. Planning for environmental sustainability**. Issue number 1. Peterborough, UK: English Nature, 1994.

FLICK, U, **Introdução à PESQUISA QUALITATIVA**, 3.Ed, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999;

GLOBAL REPORTING INICIATIVE PORTAL, GRI. About GRI. Disponível em: . Acesso em: 02 abril. 2018.

GROOT, R.; HEIN, L.; KROEZE, C.; LEEMANS, R.; NIEMEIJER, D. **Indicators and measures of critical natural capital**. In: LAWAN, P. Sustainable development indicators in ecological economics. Massachusetts: Edward Elgar, 2006.

HAIR JR, J. F.; et al. **Análise Multivariada de Dados**. Porto Alegre: Bookman, 2009.

HAIR JR, J. F.; et al. **Análise Multivar**LOPES, J. O fazer do Trabalho Científico em Ciências Sociais Aplicadas. Recife: Ed. Universitária da UFPE, p. 217. 2006;

HAWKEN, P.; LOVINS, A.; LOVINS, L.H. Capitalismo natural: **criando a próxima revolução industrial**. São Paulo: Cultrix, 1999.

LAMEIRA, V. J.; NESS, V. L. J.; QUELHAS, O. L. G.; PEREIRA, R. G. **Sustentabilidade**, valor, desempenho e risco no Mercado de capital brasileiro. Revista Brasileira de Gestão de Negócios, v. 15, n. 46, p. 76-90, 2013.

LANGE, D. E.; BUSCH, T.; DELGADO-CEBALLOS, J. D. Sustaining Sustainability in organizations. **Journal of Business Ethics**, v. 110, n. 2, p. 151-156, 2012.

LEHTONEN, M. The environmental-social interface of **sustainable development: capabilities**, social capital, institutions. Ecological Economics, v. 49, n. 2, p. 199-214, 2004.

NEELY, A. **Measuring business performance**. London: The Economist Books, 1998.

NIDUMOLU, R., PRAHALAD, C. K.; RANGASWAMI, M. R. **Why sustainability is now the key driver of innovation?** Harvard Business Review, v. 87, n. 9, p. 56-64, 2009.

NORTH, K. **Environmental business management: an introduction.** Genebra: International Labor Office (ILO), 1992.

PADILHA, M.L. **Indicadores de desenvolvimento sustentável para o setor têxtil.** Tese de Doutorado. Unidade Faculdade de Saúde Pública (FSP) - USP, 2009.

PAZ, F. J.; KIPPER, L. M. **Sustentabilidade nas organizações:** vantagens e desafios. GEPROS. Gestão da Produção, Operações e Sistemas, Bauru, Ano 11, nº 2, abr-jun/2016, p. 85-102.

PINSONNEAULT, Alain e KRAEMER, Kenneth. Survey Research Methodology in Management Information Systems: As Assessment. **JournalOf Management Information Systems**, Autumn 1993.

PORTER, M.E; LINDE, C. Green and Competitive: Ending the Stalemate. Harvard Business Review, Boston, p. 120-134, set./out, 1995.

RICHARD, P. J. et al. Measuring organizational performance: towards methodological best practice. **Journal of Management**, v. 35, n. 3, p. 718-804, 2009.

SACHS, I. Ecodesenvolvimento, crescer sem destruir. São Paulo: Vértice, 1986

SACHS, I. Estratégias de Transição para o Século XXI. **Para pensar o desenvolvimento sustentável.** São Paulo: Revista do PNMA, 1993.

SILVEIRA, M. A. Strategic management of innovation towards sustainable development of brazilian electronic. **Journal Technologic Management & Innovation**, v. 8, s/n, p. 174-186, 2013.

TRIVIÑOS, Augusto. Introdução à pesquisa em ciências sociais: **a pesquisaqualitativa em educação.**São Paulo: Atlas, 1987;

TURNER, P.K. Sustainable Environmental Economics and Management. **Principles and Practices.** London: Belhaven Press, 1993.

VAN BELLEN, H.M. **Indicadores de sustentabilidade:** uma análise comparativa. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. 256p.

VENKATRAMAN, N.; RAMANUJAM, V. Measurement of business performance in strategy research: a comparison of approaches. **Academyof Management Review**, v. 11, n. 4, p. 801 - 814, 1986.

WALS, A. E. J.; SCHWARZIN, L. Fostering organizational sustainability through dialogic interaction.**The Learning Organization**, v. 19, n. 1, p. 11-27, 2012.

CORNELL, B.; SHAPIRO, A. C. Corporate stakeholders and corporate finance. **Financial management**, p. 5-14, 1987.

GOODLAND, R. The concept of environmental sustainability. **Annual Review of Ecology and Systematics**, p. 1-24, 1995.

KOCMANOVÁ, A.; HREBICEK, J.; DOCEKALOV, M. **Corporate governance and sustainability**. *Econ Manage*, v. 16, p. 543-550, 2011.

O'ROURKE, D. Opportunities and obstacles for corporate social responsibility reporting in developing countries. *The World Bank Group & Corporate Social Responsibility Practice* Mar, v. 27, p. 39-40, 2004.

PETRY, Jonas Fernando; FERNANDES, Francisco Carlos. DESEMPENHO SUSTENTÁVEL E GOVERNANÇA CORPORATIVA. **UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A FORMA COMO AS EMPRESAS NO SETOR DE ATUAÇÃO DE MATERIAIS BÁSICOS EVIDENCIAM A SUSTENTABILIDADE**, Blumenau, p. 123, 5 dez. 2014. *E-book*.

ROBECOSAM. CSA Guide - Corporate **Sustainability Assessment Methodology**. Nova York: RobecoSAM, 2016a.

S&P DOW JONES; ROBECOSAM. Dow Jones **Sustainability Indices Methodology**. Nova York: RobecoSAM, 2017.

SEARCY, C. Corporate sustainability performance measurement: Lessons from system of systems engineering. In: **Systems, Man and Cybernetics, 2009. SMC 2009. IEEE International Conference on**. IEEE, p. 1057-1060, 2009.

SEARCY, C.; ELKHAWAS, D. Corporate sustainability ratings: **An investigation into how corporations use the Dow Jones Sustainability Index**. *Journal of Cleaner Production*, v. 35, p. 79-92, 2012

WADDOCK, S. A.; GRAVES, S. B. The corporate social performance. *Strategic management journal*, v. 8, n. 4, p. 303-319, 1997.